

7 • Correio Braziliense — Brasília, quarta-feira, 21 de janeiro de 2026

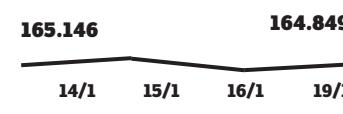
Editor: Carlos Alexandre de Souza
carlosalexandre.df@abr.com.br
3214-1292 / 1104 (Brasil/Política)



Bolsas
Na segunda-feira



Pontuação B3
IBovespa nos últimos dias



Na segunda-feira

R\$ 5,364
(-0,16%)

Dólar

Salário mínimo

Euro

CDI

CDB

Inflação

Últimos

R\$ 1.621

Comercial, venda
na segunda-feira

Ao ano

Prefixado
30 dias (ao ano)

R\$ 6,246 **14,90%** **14,88%**

IPCA do IBGE (em %)

Agosto/2025	-0,11
Setembro/2025	0,48
Outubro/2025	0,09
Novembro/2025	0,18
Dezembro/2025	0,33

FÓRUM ECONÔMICO

Em Davos, Brasil tem presença discreta

Sem a participação do presidente Luiz Inácio Lula da Silva e do ministro da Fazenda, Fernando Haddad, governo enviou uma delegação reduzida para o evento na Suíça. A decisão acendeu um alerta entre economistas e analistas de mercado

» RAFAELA GONÇALVES

Marcelo Ferreira/CB/D.A Press



Isso pode refletir um reposicionamento estratégico do Brasil, concentrando esforços diplomáticos e econômicos em outras arenas internacionais ou em negociações já em curso, como acordos comerciais"

Otto Nogami, economista

A ausência de autoridades centrais da política econômica brasileira esvaziou o peso da participação do país no Fórum Econômico Mundial, em Davos, neste ano. Sem o presidente Luiz Inácio Lula da Silva e, sobretudo, sem o ministro da Fazenda, Fernando Haddad, o Brasil chega ao encontro com presença institucional reduzida e menor capacidade de influenciar debates estratégicos sobre crescimento, investimentos e rumos da economia global.

A ministra da Gestão e da Inovação em Serviços Públicos, Esther Dweck, será a única representante do primeiro escalão do governo brasileiro no evento. Inicialmente, as ministras Marina Silva (Meio Ambiente) e Simone Tebet (Planejamento) chegaram a constar na programação oficial, mas desistiram da viagem, assim como Haddad e o próprio presidente da República.

A ausência do ministro da Fazenda ganha relevo em um momento em que o Brasil tenta reforçar sua credibilidade fiscal, atrair capital estrangeiro e apresentar sua agenda econômica a investidores internacionais.

Em declarações recentes, Haddad afirmou que a economia não deve ser o fator determinante nas próximas eleições presidenciais ao redor do mundo. Embora reconheça que o desempenho econômico esteja entre as principais preocupações da população, o ministro avalia que esse aspecto, por si só, não é suficiente nem para derrubar um governo nem para assegurar sua reeleição.

"A economia no mundo inteiro está sendo um elemento muito importante, mas não necessariamente decisivo para ganhar ou perder uma eleição", afirmou em entrevista ao UOL News, na segunda-feira. "Outros temas galgaram degraus, como a segurança pública e

Ministra Esther Dweck será a única representante de governo em Davos. Fórum discute perspectivas de crescimento para a América Latina

o combate à corrupção. Então, isso para dizer que eu não acredito que a economia vai derrotar o governo e pode ser que não eleja o governo", acrescentou.

Para o economista Otto Nogami, professor da Insper, a não participação de representantes do alto escalão brasileiro pode ser atribuída ao contexto político-eleitoral do país e à priorização da agenda doméstica.

"Uma explicação plausível é que Haddad ainda esteja profundamente envolvido com as prioridades internas do governo, sobre tudo diante do calendário eleitoral", afirma.

Ele lembra que, em dezembro de 2025, o ministro sinalizou a

intenção de deixar o comando da Fazenda em fevereiro de 2026 para colaborar com a campanha de reeleição do presidente Lula. "Esse movimento exige foco total na articulação política interna, o que naturalmente reduz espaço para compromissos internacionais como Davos", diz.

Apesar do cenário interno, a ausência de Lula e Haddad no encontro ocorre em um momento delicado do contexto internacional, marcado por discursos de líderes globais que defendem a revisão, ou até a ruptura, de alianças tradicionais. Em um ambiente de crescente fragmentação geopolítica, disputas comerciais e

questionamentos ao multilateralismo, a falta de uma presença direta do chefe do Executivo brasileiro reduz a capacidade do país de se posicionar politicamente, articular consensos e signalizar seu papel em um mundo em profunda reconfiguração das relações entre Estados.

Na avaliação de Otto Nogami, essa decisão resulta em uma participação mais limitada do governo brasileiro no Fórum. "Isso pode refletir um reposicionamento estratégico do Brasil, concentrando esforços diplomáticos e econômicos em outras arenas internacionais ou em negociações já em curso, como acordos comerciais", diz.

Agenda

Esther Dweck participa de um painel nesta quarta-feira, às 9h, dedicado às perspectivas de crescimento da América Latina. O debate contará, ainda, com o presidente do Banco Central do Peru, Julio Velarde; o CEO do Bancolombia, Juan Carlos Mora; e o CEO da BID Invest, James Siven. A ministra deve abordar temas ligados à modernização do Estado e à eficiência do setor público, áreas sob sua responsabilidade.

Apesar da relevância do painel, a participação isolada reforça a percepção de uma presença brasileira discreta no fórum. Em edições anteriores, o país enviava delegações

mais amplas, com ministros da área econômica e ambiental, além de representantes do setor privado, ampliando o alcance político e econômico da agenda brasileira.

Uma das principais agendas de Dweck envolve compras sustentáveis. Na quinta-feira, ela formalizará a adesão do Brasil à First Movers Coalition (FMC), iniciativa do Fórum Econômico Mundial que busca impulsionar a viabilidade comercial de tecnologias e produtos de baixa emissão de carbono. O programa, baseado em compromissos de compras sustentáveis, reúne atualmente 14 países, incluindo seis integrantes do G7.

Nogami ressalta que a não participação do chefe da equipe econômica brasileira pode ser interpretada por observadores internacionais e pelos mercados como um indicativo de prioridade à agenda interna. "Em um ano eleitoral, a leitura pode ser a de que a agenda econômica do governo está concentrada em questões domésticas. Isso não significa desvalorização dos fóruns multilaterais, mas indica prioridade às incertezas e desafios internos ligados à condução da política fiscal e monetária durante o ciclo eleitoral", conclui.

NEGOCIAÇÃO

Netflix muda proposta e oferta dinheiro por Warner

» PEDRO JOSÉ*

A Netflix anunciou, ontem, uma mudança relevante em sua proposta de aquisição da Warner Bros. Ao revisar o acordo avaliado em US\$ 83 bilhões, a empresa decidiu retirar a parcela em ações e apresentar uma oferta integralmente em dinheiro. Com isso, o streaming passa a oferecer US\$ 27,75 por ação da companhia, enquanto a Discovery Global permaneceria como independente.

A alteração elimina os US\$ 4,50 em ações da Netflix que faziam parte da proposta vencedora inicial e aumenta a pressão sobre a Paramount, que mantém uma oferta integral em dinheiro de US\$ 30 por ação pela Warner Bros. Discovery (WBD). A disputa passa a se concentrar no valor atribuído à Discovery Global após a cisão.

Em documento enviado aos acionistas, a WBD apresentou diferentes estimativas para o valor

da Discovery como empresa independente. A análise baseada em companhias comparáveis indicou uma faixa entre US\$ 1,33 e US\$ 3,24 por ação, enquanto a metodologia de soma das partes apontou valores entre US\$ 2,41 e US\$ 3,77. Uma análise considerando transações selecionadas elevou a estimativa para um intervalo entre US\$ 4,63 e US\$ 6,86 por ação.

A Paramount contesta essas avaliações e sustenta que a Discovery deveria ser precificada entre US\$ 0 e US\$ 0,50 por ação, com base no desempenho de empresas comparáveis. A WBD, por sua vez, afirmou que, à época do fechamento do acordo, o valor estimado para a Discovery variava entre US\$ 0,42 e US\$ 2,09 por ação, mas que a melhora recente no desempenho da companhia justificou a revisão dos cálculos.

A disputa ganhou contornos judiciais neste mês, quando o CEO

da Paramount, David Ellison, acionou a Justiça para obter mais informações sobre a cisão da Discovery e os critérios de avaliação usados

pela WBD. Ele também sinalizou a possibilidade de uma disputa por proibições. Em resposta, a Warner Bros. Discovery confirmou que

realizará uma assembleia especial de acionistas para deliberar sobre o acordo, ainda sem data definida.

Perto do fim

Executivos da Netflix e da WBD afirmaram que a revisão do contrato pode acelerar a conclusão da operação. O presidente e CEO da Warner Bros. Discovery, David Zaslav, disse que o novo formato aproxima as empresas da combinação pretendida. "O acordo revisado nos deixa ainda mais perto de unir duas das maiores companhias de entretenimento do mundo e ampliar o alcance das histórias que o público acompanha há décadas", apontou.

O CEO da Netflix Ted Sarandos ressaltou que o conselho da WBD mantém apoio unânime à transação. Segundo ele, a proposta revisada oferece maior previsibilidade financeira e agiliza a votação dos

acionistas, ao combinar pagamento em dinheiro com a separação planejada da Discovery Global.

O também CEO da Netflix Greg Peters declarou que a mudança reforça o compromisso da empresa com o negócio. Para ele, o modelo integral em dinheiro garante segurança financeira aos acionistas da WBD e mantém a estratégia de investimentos da plataforma. "Acreditamos que a transação gera valor, amplia a capacidade de produção e sustenta o crescimento de longo prazo do setor", afirmou.

Com a convocação da assembleia especial, a decisão final sobre o acordo dependerá do voto dos acionistas. Caso a Paramount avance com a disputa, terá de convencer o mercado a rejeitar a proposta da Netflix e considerar sua oferta alternativa.

* **Estagiário sob a supervisão de Luana Patrônio**



Streaming revisa acordo de US\$ 83 bilhões e pressiona Paramount

da Paramount, David Ellison, acionou a Justiça para obter mais informações sobre a cisão da Discovery e os critérios de avaliação usados

pela WBD. Ele também sinalizou a possibilidade de uma disputa por proibições. Em resposta, a Warner Bros. Discovery confirmou que